

O Círculo de Bakhtin (Volóchinov e Medviédev) no Brasil: *episteme*, autoria e tradução em perspectiva dialógica

The Bakhtin Circle (Volóchinov and Medviédev) in Brazil: *episteme*, authorship and translation in dialogical perspective

Grenissa Bonvino Stafuzza¹

Universidade Federal de Goiás - Regional Catalão

RESUMO: Situa-se no presente trabalho a perspectiva dialógica da linguagem do Círculo de Bakhtin (Volóchinov e Medviédev) como fundamento do prisma da produção científica brasileira considerando questões sobre *episteme*, autoria e tradução de seus escritos e como essas questões influenciam nas diversas leituras que circulam da obra de Bakhtin e do Círculo na contemporaneidade.

Palavras-chave: Círculo de Bakhtin; Diálogo; *Episteme*; Autoria; Tradução.

ABSTRACT: In the present work the dialogical perspective of the Bakhtin Circle (Volóchinov and Medviédev) is based on the prism of the Brazilian scientific production considering questions about *episteme*, authorship and translation of his writings and how these questions influence in the diverse readings that circulate of the Bakhtin and the Circle in contemporary times.

Keywords: Bakhtin Circle; Dialogue; *Episteme*; Authorship; Translation.

¹ Professora Doutora do Programada de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL) da Universidade Federal de Goiás, regional Catalão. Líder do Grupo de Estudos Discursivos (GEDIS).

O Círculo russo na/pela dialogia: a-palavra-do-outro-constitutiva-de-mim

*Eu não sou eu nem sou o outro
Sou qualquer coisa de intermédio
Pilar da ponte de tédio
Que vai de mim para o Outro
(Mário de Sá-Carneiro)*

Ao conceber o Círculo de Bakhtin (Volóchinov e Medviédev) como dialógico em sua *episteme*, autoria e tradução, considera-se que suas concepções *interessam a e interagem com* diversas áreas do conhecimento, assim como fomentam pesquisas com amplas abordagens. A tradução, em especial, tem lugar na dialogia por ser a compreensão da palavra alheia (culturalmente situada) a condição necessária para a comunicação: a voz do tradutor perpassa tanto pela *episteme* como pela autoria, ressignificando a voz autoral. A tradução não é caracterizada aqui como dialógica especialmente por se tratar do Círculo, considera-se aqui toda e qualquer tradução como dialógica. Dada a potencialidade da obra do Círculo que possui lugar de diálogo teórico com diversos campos do saber (filosofia, psicologia, psicanálise, ciências sociais, história, comunicação, linguística, literatura, educação, filologia, música, biologia², entre outros), concebe-se a teoria do Círculo bakhtiniano aberta e em construção, marcadamente dialógica.

De modo a exemplificar como a voz da tradução pode ser observada como dialógica, ao se comparar a tradução brasileira feita a partir do russo com a tradução realizada a partir do francês de *Marxismo e filosofia da linguagem*³ (doravante, MFL), observa-se que a primeira edição brasileira de MFL foi publicada em 1979, a partir da tradução francesa de 1977, intitulada *Le Marxisme et la philosophie du langage. Essai d'application de la méthode sociologique en linguistique*, que, por sua vez, sua tradução para o francês foi feita diretamente do russo. Essa primeira edição da tradução de MFL publicada no Brasil, assim

² Menciona-se como exemplo um projeto recente que teve repercussão nas mídias institucionais universitárias e sociais. Em 2017 o projeto *O Cajón: estratégia interventiva para compartilhamento de emoções em sala de aula*, desenvolvido pela professora Daniela Franco Carvalho, do Instituto de Biologia da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), foi um dos três trabalhos contemplados com o Prêmio Professor Rubens Murillo Marques, da Fundação Carlos Chagas, que prestigia e divulga experiências formativas realizadas por professores dos cursos de licenciaturas. As bases do projeto situam-se no diálogo teórico entre Mikhail Bakhtin e Zygmunt Bauman. Disponível em: <<http://www.comunica.ufu.br/noticia/2018/11/professora-da-ufu-e-premiada-por-estrategia-de-compartilhamento-de-emocoes>>. Acesso em: 17 abr. 2019.

³ BAKHTIN, M. M./VOLOCHÍNOV, V. N. (1929). *Marxismo e filosofia da linguagem*. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução feita a partir do francês, de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 13ª ed., São Paulo: Hucitec, 2009.

como ocorre com *O Freudismo*, a autoria de Volochínov⁴ é colocada em segundo plano na primeira obra e apagada na segunda. Por desconhecimento ou desrespeito à autoria, o fato é que, ao atribuir todos os textos a Bakhtin gerou-se um processo de apagamento editorial dos demais nomes e contribuições, fomentando discussões equivocadas sobre a própria teoria e distorções de interpretação no que diz respeito à diferença temporal e às datas das traduções publicadas.

Na edição brasileira de MFL com tradução direta do russo⁵, feita por Sheila Vieira de Camargo Grillo e Ekaterina Volkova Américo (2017), assume-se a autoria conforme a obra original em russo de Volóchinov mantendo-se na capa a referência entre parênteses com a notação “Círculo de Bakhtin”. Para exemplificar, a palavra “enunciação” que orientava a perspectiva dialógica de MFL de tradução francesa desaparece na edição de MFL traduzida do russo, dando lugar à palavra “enunciado”. A hipótese que se arrola é de que a voz teórica da linguística da enunciação foi um dos elementos que constituiu a voz da tradução da edição brasileira que se baseou na versão francesa de MFL. Eis que uma geração de pesquisadores e tradutores foram influenciados pela herança da linguística da enunciação e reproduziram essa influência em suas pesquisas, projetos, orientações, publicações etc., muitas vezes referenciados pela voz da tradução. Ao que tudo indica, conforme a tradução em português direta do russo, ao compararmos com a edição brasileira traduzida do francês, o Círculo não tratou de “enunciação” e sim de “enunciado”, apesar de muitos trabalhos fundamentados nos postulados teóricos do Círculo de Bakhtin trazerem, às vezes como sinônimos, às vezes distinguindo, as noções de enunciado e de enunciação. Essa questão é bastante ilustrativa de como a voz do pesquisador é constituída também pela voz do tradutor, inclusive balizada por elementos teóricos que constroem uma determinada *episteme*.

Na Introdução da obra *A construção da enunciação e outros ensaios*, composta por escritos que datam de 1925 a 1930, Geraldini (Introdução, 2013, p. 23) ressalta que a tradução realizada por ele significa uma “tradução de traduções” e alerta o leitor:

[...] uma tradução se baseia também numa compreensão, não é neutra e as palavras aqui presentes estão sobrecarregadas de vozes. Nenhuma pretensão de que esta tradução diga o que “realmente disse Volochínov”. Pretender isso seria imaginar um sentido fixo para as enunciações do passado e contradizer a teoria que os textos

⁴ As diferentes grafias do nome do teórico russo obedecem às edições publicadas no Brasil. Essa diversidade de grafia relaciona-se diretamente com as diversas versões utilizadas (inglês, francês, italiano, espanhol, russo) para as traduções no Brasil.

⁵ VOLÓCHINOV, V. N. (1929). *Marxismo e filosofia da linguagem*. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.

apresentam: a orientação dupla da palavra inclui o destinatário, entre os quais se inclui também o tradutor.

Para o trabalho de tradução dos textos compilados na edição brasileira *A construção da enunciação e outros ensaios*, João Wanderley Geraldi utiliza duas edições em espanhol para a tradução para o português do texto de abertura da obra intitulado “Para além do social. Um ensaio sobre a teoria freudiana (1925)”. Para a tradução do segundo texto, “A palavra na vida e a palavra na poesia. Introdução ao problema da poética sociológica (1926)”, o tradutor manuseia versões do texto publicado em italiano, além da versão já traduzida por Valdemir Miotello e Fabrício César de Oliveira, publicada em *Palavra própria e palavra outra na sintaxe da enunciação. A palavra na vida e na poesia. Introdução ao problema da poética sociológica*, em 2011. No terceiro texto, “As mais recentes tendências do pensamento linguístico ocidental (1928), o tradutor utiliza duas traduções italianas. Para o quarto texto, “Que é linguagem? (1930)”, Geraldi utiliza duas publicações em espanhol. Em “A construção da enunciação (1930)”, quinto texto que compõe a obra, o tradutor utiliza as duas mesmas traduções em espanhol que utiliza para a tradução do quarto texto mencionado. Para o sexto texto, “A palavra e suas funções sociais (1930)”, o tradutor manuseia duas versões em italiano. Para a tradução do sétimo texto, “Sobre as fronteiras entre poética e linguística (1930)”, Geraldi utiliza duas versões em italiano. Em “Algumas ideias-guias para a obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem*”, por se tratar de um material de arquivo publicado na obra *The Bakhtin Circle. In the Master’s Absence*, editado por Craig Brandist, David Sheperd, Galin Tihanov, o tradutor utiliza a versão em inglês para a tradução para o português. No texto final que compõe a obra, “Apêndices”, Geraldi utiliza também a versão em inglês mencionada para a tradução do texto anteriormente citado.

A forma como foram feitas essas traduções em português com base nas versões em inglês, espanhol e italiano, ilustra fundamentalmente o lugar da palavra do tradutor na teoria e, ainda, que a voz da tradução é substituída no texto acadêmico-científico pela ilusão de compreensão da voz genuinamente autoral. A leitura de uma fonte em sua língua de origem trata sempre de uma interpretação da teoria, e com a tradução não é diferente, pois diz respeito a um processo sempre em construção sobre a palavra alheia: o batimento entre a voz do autor e a voz do tradutor. A questão da voz da tradução dialoga com as diversas versões em outras línguas para a tradução em língua portuguesa, sendo esta uma questão que pode gerar ainda outros debates quando se leva em consideração “quem fala”, “de onde fala”, “sobre o que fala” e “para quem fala”: ao partir do pressuposto de que uma tradução,

conforme Geraldí (Introdução, 2013), se baseia em uma compreensão da palavra do outro que não é neutra, sendo ela própria carregada de vozes, o tradutor possui lugar privilegiado uma vez que “domina” o idioma alheio e é por meio de sua voz que o leitor poderá entrar em contato com a teoria de interesse. Toda e qualquer tradução é dialógica por natureza, uma vez que o tradutor se inscreve na palavra alheia por meio do conhecimento *sobre e da* língua a ser traduzida, filtrando a palavra alheia de modo a transformá-la na sua palavra de tradutor – que não é *sua* por completo, mas sim, palavra do outro reconfigurada pela sua voz de tradutor. A palavra do outro passa a ser condição *sin qua non* para a palavra do tradutor ter existência.

Repercussões primeiras da recepção bakhtiniana no Brasil

Quando se aborda o contexto histórico da recepção e divulgação dos escritos de Bakhtin no Brasil é o nome do Professor Emérito da Universidade de São Paulo (USP), Bóris Schnaiderman⁶ (1917-2016) que se destaca como o precursor na difusão das ideias bakhtinianas, pois, antes mesmo de publicar o seu *Turbilhão e semente: ensaios sobre Dostoiévski e Bakhtin*, em 1983 (São Paulo: Duas Cidades), Schnaiderman ministra disciplinas – no Programa de Pós-Graduação em Teoria Literária e Literatura Comparada da USP –, a partir de 1971, acerca do pensamento bakhtiniano, isso significa dizer que a divulgação do pensamento bakhtiniano no Brasil deu-se de modo inaugural no espaço da sala de aula⁷. A data de 1971 é notável, pois a primeira tradução brasileira foi *Marxismo e filosofia da linguagem* realizada por Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira (São Paulo: Hucitec) a partir do francês, em 1979: oito anos antes, o professor Schnaiderman ministrava seus cursos sobre Bakhtin na literatura. Nesse contexto, pode-se afirmar que a obra de Bakhtin tem sido estudada e difundida por quase cinco décadas no Brasil.

Os resultados das primeiras pesquisas de cunho bakhtiniano começam a circular nos anos de 1980 e tem seu crescimento exponencial nas décadas subsequentes. Para mencionar um trabalho que introduz o pensamento bakhtiniano no Brasil, especialmente nas áreas de Linguística e Literatura, destaca-se a coletânea *Uma introdução a Bakhtin*, organizada por

⁶ Schnaiderman foi o grande divulgador da literatura russa no Brasil com suas traduções diretas. Antes dele, as traduções das obras literárias russas eram feitas a partir do inglês ou do francês. Schnaiderman fundou o curso de russo na USP em 1960 e, posteriormente, em 1963, foi instituído o curso de língua e literatura russa; é ainda responsável por formar toda uma geração de tradutores.

⁷ Ver mais sobre o tema no artigo de Clara Ávila Ornellas intitulado *Mikhail Bakhtin no Brasil: primeiras repercussões*. *Espéculo*, Revista de estudios literarios, Madrid, n. 43, 2010. Disponível em: <<http://webs.ucm.es/info/especulo/numero43/brabaj.html>>. Acesso em: 17 abr. 2019.

Carlos Alberto Faraco, Cristovão Tezza, Beth Brait, Luiz Dagobert de Aguirra Roncari e Rosse Marye Bernardi (Curitiba: Hatier), de 1988. Essa coletânea coloca em evidência o trabalho de pesquisadores da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e da Universidade de São Paulo (USP) que viriam a se tornar divulgadores da vertente bakhtiniana em suas universidades, e, para além de seus espaços institucionais de trabalho, na formação de recursos humanos, projetos de pesquisas, grupos de pesquisas, organizações de eventos, organizações de coletâneas, publicações de livros, artigos, capítulos de livros, resenhas etc.

Na edição em comemoração aos 80 anos da primeira versão de *Problemas da poética de Dostoiévski*⁸, em 2008, Paulo Bezerra acresce o prefácio “Uma obra à prova do tempo” apresentando Boris Schnaiderman e José Guilherme Merquior como os primeiros a contribuir para a divulgação do pensamento bakhtiniano no campo de estudos sobre literatura e cultura. No campo da linguística, Bezerra aponta Carlos Alberto Faraco, Cristovão Tezza, Beth Brait e José Luis Forin. O próprio Paulo Bezerra figura-se como tradutor de diversas obras de Bakhtin que se destaca neste contexto histórico de pioneirismo de leitura e divulgação do pensamento bakhtiniano no Brasil.

As datas das publicações até aqui mencionadas apontam um dado importante sobre as pesquisas bakhtinianas no Brasil: Bakhtin e seu Círculo começam a ser pesquisados mais fortemente pela academia somente no final dos anos 1980, início dos anos 1990. No entanto, quando se instaura no Brasil, o Círculo encontra terreno sólido para pesquisas, pois, mesmo com a falta da tradução de textos importantes na época como, por exemplo, *O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica*, de Medviédev, que teve sua tradução direta do russo realizada em 2012 por Ekaterina Vólkova Américo e Sheila Camargo Grillo (São Paulo: Editora Contexto), além de outros textos de pesquisadores internacionais, especialmente as biografias que lançavam luz sobre a composição do Círculo e sua atuação com autoria dialógica, havia esforços por parte dos pesquisadores brasileiros em viabilizar traduções acadêmicas para uso didático. Por exemplo, a tradução acadêmica do texto “Discurso na vida e Discurso na arte (Sobre poética sociológica), de autoria de Voloshinov/Bakhtin, feita a partir da tradução inglesa de I. R. Titunik (*Discourse in life and discourse in art – concerning sociological poetics*), publicada em *Freudism*, de Voloshinov (New York. Academic Press, 1976[1926]), por Carlos Alberto Faraco e Cristovão Tezza. Carlos Alberto Faraco e Cristovão Tezza também traduzem *Para uma Filosofia do ato*

⁸ A primeira versão data de 1929, a publicação antecipa-se em um ano para a comemoração. No entanto, dado o contexto histórico e político da época no qual encontrava-se inserido (perseguições, exílio e trabalho forçado), Bakhtin permaneceu isolado das instituições acadêmicas na União Soviética, tendo sua obra editada e publicada somente em 1963.

(s/d[1920-1924]), de Bakhtin, exclusivamente para fins didático e acadêmico, a partir da edição estadunidense *Toward a Philosophy of the Act* (Austin: University of Texas Press, 1993, Translations and Notes by Vladim Liapunov, Edited by Michael Holquist & Vadim Liapunov). Outra tradução acadêmica é a realizada por Ana Vaz, também a partir da versão em inglês, do texto “Estrutura do enunciado” (1930), de Voloshinov. Todas as traduções acadêmicas aqui mencionadas encontram-se com livre acesso na *web* e não possuem data de tradução.

Obras e conceitos: a produção do conhecimento dialógico

Mikhail Mikhailóvitch Bakhtin (1895-1975) já foi chamado de filósofo da linguagem, teórico da literatura, linguista, filólogo, teólogo, professor, educador, entre outras alcunhas que apontam a diversidade de atuações e alcances teóricos que a sua obra promove para o conhecimento. Nas suas conversas com Viktor Duvakin, em 1973, ao responder à pergunta “O senhor era mais filósofo que filólogo?”, Bakhtin afirma: “Filósofo mais que filólogo. Filósofo. E assim permaneci até hoje. Sou um filósofo. Sou um pensador” (BAKHTIN; DUVAKIN, 2008, p.45).

Em *Para uma filosofia do ato responsável* (1920-1924), Bakhtin dialoga com Kant, Bergson, Platão, Newton, entre outros, para pensar a responsabilidade do ato tanto como especial, porque possui sentido, quanto moral ao mesmo tempo, porque se liga a um existir-evento singular. Desde esse escrito, que norteia uma filosofia para o mundo por meio do ato responsável, da ética e da estética, Bakhtin elege a literatura como perspectiva para a sua produção filosófica: *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*, *Problemas da poética de Dostoiévski*, *Cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de François Rabelais* e *Estética da criação verbal* são obras ilustrativas que apontam essa preferência na pesquisa da escritura literária para a promoção do conhecimento filosófico. Uma observação importante: a menção às obras do Círculo se dão pelo conjunto de textos produzidos até a década de 1930, período em que o grupo se reunia, sendo os textos posteriores bakhtinianos; assim respeita-se a autoria e a história do Círculo de Bakhtin no contexto político e cultural de expurgo da Rússia soviética de regime stalinista.

Questões de literatura e estética: a teoria do romance possui tradução do russo no Brasil realizada por Aurora Fornoni Bernardini et al. e sua primeira edição data de 1988 e há significativas mudanças no volume publicado em russo, em 2012, edição correspondente ao

terceiro tomo das *Obras reunidas* organizada por Serguei Botcharov (1929) e Vadim Kójinov (1930-2001; *post mortem*)⁹. Não há uma data específica de publicação original dessa obra, uma vez que sua composição reúne textos de vários momentos de escrita da vida de Bakhtin. “O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária”, data de 1924; “O discurso no romance”, data de 1934-1935, “Formas de tempo e de cronotopo no romance: ensaios de poética histórica”, data de 1937-1938, “Da pré-história do discurso romanesco”, data de 1940; “Epos e romance (sobre a metodologia do estudo do romance), data de 1941; “Rabelais e Gógol (arte do discurso e cultura cômica popular) data de 1940-1970. Nesse sentido, a obra é organizada a partir de textos que trazem a literatura, a escritura literária como objeto de estudo para se pensar metodologia de estudo da literatura, criação literária, estética, estilística, discurso, cultura, arte, cronotopo etc.

Ao mesmo tempo em que a descrição das obras com seus anos de escrita e publicação de tradução no Brasil revela que a recepção do Círculo de Bakhtin aconteceu tardiamente para os pesquisadores brasileiros, comprova-se mundialmente o crescente interesse em se ler e estudar a obra do Círculo e pensar suas relações teóricas pela inserção da universidade brasileira na pesquisa de vertente bakhtiniana. Ainda, a capacidade de formulações teóricas na perspectiva bakhtiniana que apontam a potencialidade da pesquisa no Brasil, tanto pelo volume de publicações, como também pelos eventos específicos, nacionais¹⁰ e internacionais¹¹, que trazem como tema a obra do Círculo de Bakhtin.

Nesse sentido, o diálogo do Círculo de Bakhtin com Jakobson sobre a concepção de comunicação é fundamental para a elaboração da comunicação discursiva e da noção de sujeito dialógico: ao abordar as forças que recaem no processo de comunicação dinâmica entre sujeitos com suas forças centrípetas e centrífugas e o processo de reflexo e refração do diálogo, a perspectiva dialógica da linguagem do Círculo de Bakhtin apoia-se no diálogo com a física para se pensar o funcionamento da linguagem. Isso ilustra que o diálogo na concepção do Círculo é ativo, responsivo, vivo.

⁹ Ver mais sobre essa questão na resenha de Adriana Pucci Penteado de Faria e Silva sobre a Teoria do romance I: a estilística, publicada pela Editora 34. In: *Bakhtiniana*, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 264-269, Jan./Abril. 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/bak/v11n1/2176-4573-bak-11-01-0264.pdf>>. Acesso em: 30 jan. 2019.

¹⁰ A universidade brasileira conta com, além dos eventos mais gerais que agregam diversas correntes de estudos de discursos, eventos específicos sobre o Círculo de Bakhtin como o Círculo - Rodas de Conversa Bakhtiniana, evento itinerante que teve sua primeira edição em fevereiro de 2009 e a sétima edição realizada pela Unioeste, na cidade de Cascavel-PR, em 2018. O Encontro de Estudos Bakhtinianos (EEBA), também evento itinerante, teve sua quarta edição realizada na Faculdade de Educação da UNICAMP, em novembro de 2017.

¹¹ A XV International Bakhtin Conference aconteceu em setembro de 2017 na cidade de Shanghai, China, e a XVI International Bakhtin Conference será realizada em 2020 na cidade de Saransk, na Rússia: <https://www.mrsu.ru/en/news/index.php?ELEMENT_ID=64960>. Acesso em: 18 abr. 2019.

A obra do Círculo de Bakhtin tem como contribuição primordial, não apenas para a filosofia da linguagem, mas para as áreas das ciências humanas em geral, a reflexão sobre a natureza dialógica da linguagem. Isso significa dizer que ao considerar o outro como instância de interação verbal, social e ideológica, em uma dinâmica de embates, conflitos e contradições para a constituição do sujeito dialógico, a obra do Círculo estabelece uma abertura na tradição do campo da História das Ideias de como se pensar o sujeito e sua relação com a sociedade. Nesse sentido, ao trazer para o debate a análise de discursos à luz da concepção dialógica da linguagem do Círculo, as pesquisas desenvolvidas dialogam com diversas áreas do conhecimento como a Linguística, a Psicanálise, a Filosofia da Linguagem, as Ciências Sociais, a História, a Comunicação, a Música, a Semiótica, dentre outras, para pensar a instância de interação dialógica dos discursos.

A dialogia encontra-se na fundação dos escritos do Círculo, seja pelo diálogo com outras áreas do conhecimento na elaboração de noções e conceitos, seja pela autoria dialógica entre os escritos de Mikhail Bakhtin (1895-1975, sobretudo filósofo), Valentín Volóchinov (1895-1936, músico e linguista) e Pável Medviédev (1891-1938, teórico e historiador da literatura, crítico literário, professor) com a troca de pseudônimos, ainda, sem destacar o lugar e contribuição dos demais membros do Círculo – na vida e na arte – como Maria Iúdina (1899-1970, pianista), Liev Pumpiânski (1891-1940, filósofo, teórico da literatura e da cultura), Matvei Kagan (1889-1937, filósofo), Borís Zubakin (1894-1938, poeta, ativista maçônico e filósofo da religião), Konstantin Vaguinov (1899-1934, poeta), Ivan Sollertínskii (1902-1944, musicólogo, crítico de música e de teatro).

Distante da perspectiva positivista de várias correntes da linguística dos séculos XIX e XX, que compreendem a comunicação como um processo linear e passivo entre as funções de “locutor” e “ouvinte” (ou “receptor”), a comunicação pensada pelo Círculo russo mostra-se um processo bastante complexo entre falantes, situado em um dado tempo e espaço, marcadamente social. Em relação à materialidade, especialmente os escritos de Bakhtin, Medviédev e Volóchinov apontam que a comunicação – realizada por meio da fala e da escrita – apresenta-se constituída pelas instâncias verbal, visual e vocal, sendo possível o estudo da voz, da entonação, da gestualidade, da imagem etc.¹²

¹² Nossa pesquisa atual estuda como se situam esses elementos e como fomentam a perspectiva dialógica da linguagem na obra do Círculo de Bakhtin para a análise de discursos. O projeto intitula-se Potencialidades teóricas do Círculo de Bakhtin para análise de discursos verbocovisuais (2016-2020) e possui diversos trabalhos publicados entre artigos em periódicos e capítulos de livros. Cita-se alguns para consulta: STAFUZZA, G. B. Contribuições do pensamento do Círculo de Bakhtin para os estudos discursivos contemporâneos: o discurso machista na mídia humorística feminina. In: PAULA, L. de. (Org.). Discursos em perspectiva: humanidades dialógicas. Campinas: Mercado de Letras, 2014, p. 135-155.

Problemas da poética de Dostoiévski teve sua primeira edição brasileira em 1981, com tradução direta do russo de Paulo Bezerra. Bakhtin aborda exclusivamente a tese do romance polifônico, definindo Dostoiévski como o romancista criador do *romance polifônico*, a partir do embate com as obras de Tolstoi. O conceito de polifonia na música trata-se de uma técnica em que duas ou mais vozes são compostas conservando um caráter melódico e rítmico individualizado, ou seja, é possível distinguir as vozes que se desenvolvem na música. Bakhtin, ao apropriar-se do conceito de polifonia da música, observa na tese do romance polifônico que diversas vozes ideológicas contraditórias coexistem com o próprio narrador, sendo possível, portanto, distingui-las, “ouvi-las” a partir de seu lugar ideológico. Na atualidade, com o imenso volume de pesquisas que abordam a polifonia em diversos *corpora* discursivos, entendemos que esse debate representado pela obra de Dostoiévski ultrapassa sua obra e o campo literário, assim como aconteceu com a concepção de carnaval n’*A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*, uma vez que há também um volume importante de pesquisas que apontam análises sobre o conceito de carnaval em *corpora* linguísticos que tratam de temas como política, cultura, mídia, educação, para citar alguns.

Publicada inicialmente em 1933, *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais* passa por um processo de reescrita, assim como aconteceu com *Dostoiévski*, sendo publicada definitivamente em 1965. O *Rabelais* de Bakhtin é produto de uma audaciosa tese de doutorado de Bakhtin que aborda a cultura popular em um momento histórico em que a concepção de cultura restringia-se à cultura erudita e ignorava as manifestações populares como também pertencentes à cultura, vista de uma forma mais abrangente e social. No entanto, a originalidade da obra não foi suficiente para que a banca examinadora conferisse a Bakhtin o título de doutor e, após discussões inacabáveis, sua aprovação foi negada. No seu *Rabelais*, Bakhtin aborda, por meio da elaboração do conceito de carnavalização, algumas questões e concepções importantes que acionam a força da representação da cultura popular que, para a época, foi revolucionário: o poder subversivo do riso, o funcionamento do grotesco, a inversão hierárquica das posições

STAFUZZA, G. B.; LIMA, G. de O. Diálogo e verbocovisualidade em “Cantada” (2014), de Porta dos Fundos. Revista *Prolíngua*. Volume 12 – Número 2 - out/dez de 2017, p. 97-109. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpb.br/index.php/prolingua/article/view/38235/19378>>. Acesso em: 18 abr. de 2019.

STAFUZZA, G. B. Sentidos do enunciado verbovisual em pôsteres publicitários de Bastardos Inglórios. *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 22, n. 45, 2018, p. 137-150. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/17133/13828>>. Acesso em: 18 abr. 2019.

STAFUZZA, G. B.; DINIZ, G. dos S. O enunciado verbocovisual “Guerra do Rio”, do Jornal Extra: o signo ideológico “Guerra” em estudo. *Rev. Estud. Ling.*, Belo Horizonte, v. 27, n. 1, 2019, p. 275-298. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/13185/pdf>>. Acesso em: 18 abr. 2019.

sociais, a aproximação e o distanciamento de diversas linguagens sociais, para mencionar algumas que são mais centrais.

Outra noção que segue o viés do que se denomina aqui de *episteme* de perspectiva dialógica¹³ é a de signo ideológico pelo diálogo elaborado com o marxismo. Ao considerar a palavra como uma arena onde se confrontam valores sociais contraditórios, Volóchinov (1929/2017) observa que os conflitos da língua refletem os conflitos de classe no interior do sistema. Sob essa perspectiva, é possível ponderar que a comunicação discursiva implica conflitos, relações de dominação e de resistência, adaptação ou oposição à hierarquia, utilização da língua pela classe dominante para reforçar seu poder etc. Assim, o teórico russo se interessa, primeiramente, pelos conflitos no interior de um mesmo sistema partindo da premissa de que todo signo é ideológico e que a ideologia é um reflexo das estruturas sociais. Dessa forma, qualquer alteração da ideologia resulta em uma alteração na língua e, portanto, na cultura, na história, na sociedade. Podemos considerar que tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo localizado fora de si mesmo. Nesse sentido, tudo que é ideológico é sógnico. Um corpo físico não diz respeito à ideologia, como bem atesta Volóchinov (2017, p. 91-92), no entanto, todo corpo físico pode ser apreendido como símbolo, e toda imagem artística originada por um elemento físico já é reconhecida como matéria ideológica e pode, potencialmente, produzir sentidos. Desse modo, o elemento físico transforma-se em signo e, sem abandonar a realidade material, reflete e refrata uma outra realidade.

Ao considerar a ideologia como parte constituinte do signo, Volóchinov (2017) observa que a natureza do significado se dá na interação, na ação do signo no mundo social para a realização da comunicação discursiva. A noção de signo ideológico encontra-se em relação de diálogo com o marxismo, sendo definida na obra *Marxismo e filosofia da linguagem* em função da potencialidade de refração de todo fenômeno social-ideológico, ou seja, é a forma de transpor a realidade objetiva adequada à consciência individual que, por sua vez, “é um fato social e ideológico” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 97). Dessa maneira, a noção de signo ideológico evidencia a tese do Círculo de Bakhtin sobre o caráter essencialmente material da linguagem: por meio da realização dos fenômenos ideológicos, linguagem a ideologia é expressa via material semiótico, portanto, tudo que é expresso possui um valor ideológico.

¹³ Se é que existe alguma *episteme* que não seja dialógica, uma vez que as teorias são pensadas a partir de outras teorias ou de hipóteses fundamentadas em dados da realidade, portanto, pensadas, corroboradas, refutadas etc. sempre *a partir* ou *com a participação* do outro. A ideia de apontar que a *episteme* bakhtiniana é dialógica é a de abordar as áreas de diálogo na elaboração dos conceitos fundamentais na perspectiva filosófica do Círculo.

O conceito de enunciado, por sua vez, é fundamental nos estudos do Círculo de Bakhtin e aparece no conjunto da obra do Círculo, assim como outras concepções teóricas. O campo linguístico, por exemplo, conceitua e analisa os enunciados com um foco que privilegia a língua. Nos escritos do Círculo de Bakhtin (MEDVIÉDEV, 2012; BAKHTIN, 2016; VOLÓCHINOV, 2017; VOLOSHINOV/BAKHTIN, s/d; VOLOCHÍNOV, 2013), o conceito de enunciado estabelece um percurso metodológico, a partir da premissa de que o enunciado é uma unidade analítica que responde a um enunciado anterior e suscita uma resposta subsequente, gerando outro enunciado. Nesse sentido, metodologicamente é importante que se estabeleça a correlação entre os elementos da cadeia enunciativa em análise.

De acordo com Volóchinov (2017, p.205): “a palavra é um ato bilateral. Ela é determinada tanto por aquele de quem ela procede quanto por aquele para quem se dirige. Enquanto palavra, ela é justamente o produto das inter-relações [...]”. Assim, a construção de todo e qualquer enunciado diz respeito a um *acontecimento*, a uma situação de linguagem, seja imediata ou pelo contexto mais amplo, pertencente ao conjunto das condições da vida social de uma determinada comunidade linguística. A situação do enunciado vincula-se a um evento social languageiro, ou seja, toda situação enunciativa é, portanto, uma situação social de linguagem. Isso significa dizer que mesmo que o enunciado tenha um aspecto autônomo de acabamento, seus sentidos são orientados na e pela comunicação discursiva, pois operam em um movimento incessante entre a sociedade e a história. Logo, a noção de enunciado na obra do Círculo aponta uma ruptura com a linguística ao fazer emergir a interação discursiva entre sujeitos, de caráter social e singular ao mesmo tempo, para a produção e circulação de discursos.

Em “Discurso na vida e Discurso na arte (sobre poética sociológica)”, texto de 1926 com tradução em língua inglesa somente em 1976, para além do debate sobre a autoria Voloshinov/Bakhtin, o texto constitui o germen da proposta desenvolvida *a posteriori* por Medviédev (1928/2012) em *O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica*, de um método sociológico de abordagem para a literatura. As orientações metodológicas que definem o método sociológico inscritas na obra apontam que os fenômenos artísticos fazem parte da atividade social e da comunicação ou interação social (MEDVIÉDEV, 2012, p. 77 e p.134). As especificidades da literatura na interação viva com os demais campos ideológicos (filosofia, ciências sociais, ciência, religião) e com a unidade concreta da vida social e histórica são demarcadas na obra (MEDVIÉDEV, 2012, p. 79-80 e p.83). As orientações metodológicas sugerem que o método deve se adaptar ao objeto, o

oposto do fazer científico estruturalista do paradigma da época, com a abertura de que o tratamento do objeto não deva isolá-lo, mas sim, fazer emergir suas relações com outros objetos para que sua existência seja compreendida na totalidade que o significa, nisso reside a configuração e o tratamento do objeto ideológico (MEDVIÉDEV, 2012, p. 133). Ainda, essas primeiras orientações metodológicas apontam que “as inter-relações entre as ciências devem refletir as inter-relações entre os próprios objetos” (MEDVIÉDEV, 2012, p. 134), de modo que há uma crítica em relação ao método de análise literária dominante naquela época, proposto pelos formalistas russos, por ser um método fechado em si mesmo que desconsiderava o caráter vivo do gênero literário, a ideologia (MEDVIÉDEV, 2012, p. 134-135).

Estética da criação verbal (Moscou: Iskusstvo, 1979), por sua vez, possui duas traduções no Brasil: a primeira feita a partir do francês, por Maria Ermantina Galvão G. Pereira, de 1992, e a segunda feita a partir do russo, por Paulo Bezerra, de 2003. Nessa obra reúnem-se os primeiros e últimos textos escritos por Bakhtin, de um período bastante extenso de produção, de 1920 a 1974. Bakhtin elabora a sua estética da criação verbal a partir dos pressupostos da relação entre autor (criador) e herói (criatura ou seres criados) a partir da exotopia no romance. Nesse sentido, a criação estética é um tipo representativo de relação humana particularmente exitoso em que uma das duas pessoas (o criador na condição de autor) engloba inteiramente a outra (a criatura ou o herói) e por isso mesmo a completa e a dota de sentido.

Se houve alguma estabilidade na noção de autoria como a pretensa relação de propriedade entre criador e criação, essa ideia foi desestabilizada na *Estética da criação verbal* por Bakhtin. O senso comum, produzido e veiculado em uma esfera cultural, pensa a autoria a partir da questão valorativa de domínio do ser criador sobre a coisa criada: o controle, a assinatura, a validade, a legitimidade, a designação autorais são perpetuados pelo senso comum como normas institucionais postas entre o criador sobre a coisa criada. Nesse sentido, pensa-se que a criação seja produto pronto e acabado, de propriedade (intelectual) de seu criador, cabendo aos outros somente os atos de interpretação sobre a criação.

No entanto, o autor-criador pensado por Bakhtin permanece no interior da linguagem, refratando a voz do escritor pessoa. O autor-criador apropria-se de uma voz social, sem revelar diretamente a voz do escritor pessoa e, assim, o autor-criador consegue coordenar um todo estético. Nesse sentido, é o autor-criador quem dá forma ao conteúdo que, a partir de posições axiológicas, relembra e organiza esteticamente os eventos da vida. Sob esse ponto de vista, é possível perceber que o autor se esconde no mundo representado, em certo sentido,

criado por ele. O autor conscientiza todo esse mundo de outras posições qualitativamente distintas: o autor é consciente do herói e engloba e acaba a consciência do herói. Assim sendo, os planos do discurso das personagens e do discurso do autor podem atravessar-se, e isso significa dizer que, entre eles, as relações dialógicas são possíveis.¹⁴

Ao elaborar a sua estética da criação verbal, Bakhtin confronta os pressupostos dos formalistas russos por não refletirem sobre os fundamentos teóricos e filosóficos da estética romântica, base dos preceitos formalistas, baseando-se em pressupostos arbitrários para conceberem a arte e a literatura, ignorando a interação entre material, forma e conteúdo na arquitetura da obra. Assim, Bakhtin amplia o olhar sobre a estética romântica ao tratar do romance de educação do realismo, teorizar sobre os gêneros do discurso, abordar sobre o problema do texto e dos estudos literários, além de deixar, mesmo de forma inacabada, alguns apontamentos (escritos no período de 1970-1971) e suas observações sobre a epistemologia das ciências humanas.

Pelo que se vê até aqui pela panorâmica descrição da recepção crítica brasileira por meio das várias obras traduzidas que versam sobre temas voltados para os estudos literários, compreende-se porque Bakhtin e o Círculo é hoje importante referência no campo teórico da literatura. Todas as obras de Bakhtin e do Círculo trazem alguma contribuição para os estudos literários, até mesmo aquelas consideradas mais sociológicas como *Marxismo e filosofia da linguagem* e a compilação de textos do livro *A construção da enunciação e outros ensaios*, ou mais filosóficas como *Para uma filosofia do ato responsável* e *O Freudismo*, assinada por Volochínov, em que a teoria freudiana é retomada a partir da teoria da linguagem, trazem elementos e exemplos da literatura para se pensar a filosofia, a língua, o diálogo, o enunciado, o sujeito, a interação, o ato responsável, a exotopia, o estilo etc.

Considerações (in)acabadas

A epígrafe que inaugura o presente trabalho, tal seja o poema 7 do poeta português Mario de Sá-Carneiro, apresenta-se como ilustrativa sobre o sujeito pensado nos escritos de Bakhtin e seu Círculo, o sujeito do diálogo (BAKHTIN, 1981; BAKHTIN, 2010; BAKHTIN,

¹⁴ A potencialidade teórica dos escritos bakhtinianos para a análise de discursos contemporâneos reside nas pesquisas que analisam outras semioses, a partir da estética da criação verbal formulada por Bakhtin, como o cinema, por exemplo. Ver o artigo: STAFUZZA, G. B. Mais estranho que a ficção: o autor e o herói na estética do discurso cinematográfico. *Cadernos de Semiótica Aplicada*. Unesp: Araraquara, v. 10, n. 2, 2012, p. 1-17. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/casa/article/view/5585/4390>>. Acesso em: 19 abr. de 2019.

2011; MEDVIÉDEV, 2012; VOLOCHÍNOV, 2017; BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2004), socialmente inscrito em um determinado lugar ideológico, constituído por vozes. A interação com o outro é essencial para a constituição do sujeito, uma vez que a palavra é um ato bilateral – “eu não sou eu, nem sou o outro” –, uma construção social e cultural, carregada de sentidos fundamentalmente coletivos – “sou qualquer coisa de intermédio”. Não há sujeito sem o outro – “que vai de mim para o outro”.

A concepção de diálogo apresenta-se como central na produção e, conseqüentemente, na filosofia da linguagem de Bakhtin e do Círculo. Comumente, diálogo e dialogismo são tomados por empréstimo da obra bakhtiniana para pesquisas em diversas áreas como na Educação, na Análise do Discurso de corrente francesa, nos estudos da teoria da enunciação, na Linguística Aplicada, entre outras. Dialogismo diz respeito à teoria do diálogo, pressuposta no conjunto da obra do Círculo que tem *no* e *por* diálogo, a noção teórica conceitual que pode ser analisada em diversos discursos (literário, pedagógico, político, jurídico, midiático etc.), como um dispositivo que possibilita operacionalizar as análises e que oferece ao pesquisador a premissa de que não existe discurso neutro ou individual. A noção de diálogo traz à tona a (re)afirmação de que todo e qualquer discurso se organiza através de vários outros e, nesse sentido, não existe discurso homogêneo e tão logicamente estabilizado que não se possa observar outros enunciados, pertencentes a outros discursos e que produzam, portanto, outros sentidos na esfera de comunicação em estudo.

A teoria do dialogismo pode subsidiar toda e qualquer análise de discursos, uma vez que a natureza da palavra é sempre dialógica: um discurso é sempre composto de uma amálgama de outros tantos discursos, já enunciados. Dessa forma, cada palavra que se usa está dotada de vínculos consigo mesma e com o(s) outro(s), pois se trata de um produto de interação entre interlocutores, sendo a interação discursiva totalmente determinada pelas relações sociais.

Por isso, faz-se necessário pensar em como a linguagem determina as relações sociais a partir dos diálogos que são estabelecidos entre vários discursos, uma vez que a palavra carrega relações de sentidos construídas histórica, social e culturalmente. Dessa forma, não há enunciado que possa ser considerado fora das relações dialógicas e, portanto, sociais. Ao situar o presente trabalho na perspectiva dialógica da linguagem do Círculo de Bakhtin (Volóshinov e Medviédev) a partir do prisma da produção científica brasileira, considerando questões sobre *episteme*, autoria e tradução de seus escritos, faz-se um apontamento acerca das traduções que circulam no Brasil, dialógicas por serem produtos da relação entre línguas e interpretações permeadas por culturas e olhares distintos sobre o objeto de tradução, da

proficuidade de leituras e abordagens amplas que o Círculo proporciona, especialmente pelo caráter de obra aberta. Não se tem aqui como proposta esgotar as possibilidades que a obra de Bakhtin e seu Círculo oferecem aos pesquisadores, mas sim apontar a perspectiva dialógica de fundação da sua *episteme* e autoria que traz uma contribuição multidisciplinar a diversas áreas do conhecimento que se interessam pela linguagem, pelo discurso, pela palavra. Tratar de Bakhtin e do Círculo é participar do diálogo vivo (e tenso) da vida que perpassa o conhecimento.

Referências

- BAKHTIN, M. (1929 [1963]). **Problemas da Poética de Dostoievski**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Forense, 1981.
- BAKHTIN, M. M. (1992 [1979]). **Estética da criação verbal**. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira feita a partir da tradução francesa. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BAKHTIN, M. M. (1965). **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. Tradução de Yara Frateschi Vieira. 4 ed. São Paulo: HUCITEC; Brasília: EDUNB, 1999.
- BAKHTIN, M. M. (1920-1924). **Para uma filosofia do ato responsável**. Tradução de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João, 2010.
- BAKHTIN, M. M. (1975). **Questões de Literatura e de Estética** (a teoria do romance). Tradução de Aurora Fornoni Bernardini et al. 6ª ed, São Paulo: Hucitec, 2010.
- BAKHTIN, M. M. (2003 [1952-1953]). **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- BAKHTIN, M. M. (1952-1953). **Os gêneros do discurso**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.
- BAKHTIN, M. M./VOLOCHÍNOV, V. N. (1929). **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 13 ed., São Paulo: Hucitec, 2009.
- BAKHTIN, M. M./VOLOCHINOV, V. N. (1927). **O Freudismo: um esboço crítico**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- BAKHTIN, M. M.; DUVAKIN, V. **Mikhail Bakhtin em diálogo**. Conversas de 1973 com Viktor Duvakin. São Carlos: Pedro & João, 2008.
- JAKOBSON, R. **Linguística e Comunicação**. São Paulo: Cultrix/EDUSP, 1969.
- MEDVIÉDEV, P. N. (1928). **O método formal nos estudos literários: uma introdução crítica a uma poética sociológica**. Tradução Ekaterina Américo e Sheila Camargo Grillo. São Paulo: Contexto, 2012.

VOLÓCHINOV, V. N. (1929). **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.

VOLOCHÍNOV, V. N. (1925-1930). **A construção da enunciação e outros ensaios**. São Carlos: Pedro & João, 2013.

VOLOSHINOV, V. N. (1930). **El signo ideológico y la filosofía del lenguaje**. Buenos Aires: Nueva Visión, 1976.

VOLOSHINOV, V. N.; BAKHTIN, M. M. (s/d [1926]). **Discurso na vida e Discurso na arte** (Sobre poética sociológica). Tradução para o português feita por Carlos Alberto Faraco e Cristovão Tezza, para uso didático, feita a partir da tradução inglesa de I. R. Titunik (*Discourse in life and discourse in art – concerning sociological poetics*), publicada em V. N. Voloshinov, *Freudism*, New York. Academic Press, 1976.

Recebido em: 28 de março de 2019.

Aceito em: 24 de maio de 2019.